

O desafio da Teologia Moral na superação de uma ética individualista

Maria Inês de Castro Millen¹

Resumo: este artigo quer pensar os desafios que a Teologia Moral precisa enfrentar, na contemporaneidade, diante de uma proposta ética que se deixa guiar pelo crescente individualismo. A história nos mostra que a moral cristã sempre privilegiou as leis e o indivíduo. O Concílio Vaticano II tem ainda uma vertente personalista, mas aponta para um personalismo relacional. Ele nos conclama a voltarmos o olhar para a Sagrada Escritura e esta nos apresenta a ética vivida e anunciada por Jesus de Nazaré, uma ética em que o outro tem sempre precedência e na qual o amor gratuito, cuidadoso e misericordioso é o centro. O magistério do Papa Francisco também nos insere na perspectiva do outro. Para ele a moral cristã só se sustentará se vencendo os individualismos e legalismos arrogantes, assumir as dificuldades, as dores e os fracassos das pessoas, a partir de uma ética centrada na misericórdia e no cuidado.

Palavras-chave: Individualismo; Ética cristã; Papa Francisco.

Abstract: This article wants to think about the challenges that Moral Theology needs to face in the contemporary times, facing an ethical proposal that is guided by the growing individualism. History shows us that Christian morality has

1. Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1997), graduação em Teologia pela PUC-Rio (1992) e graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1971). Atualmente é ouvidora, assessora pedagógica e professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM).

always privileged the laws and the person. The Second Vatican Council still has a personalistic aspect, but points to a relational personalism. He calls us back to look to Sacred Scripture and it presents us with the ethics lived and announced by Jesus of Nazareth, an ethic in which the other always takes precedence and in which free, caring, and merciful love is the center. Pope Francis' teaching also inserts us in the perspective of the other. For him Christian morality will only be sustained if overcoming arrogant individualisms and legalisms, assuming the difficulties, pains and failures of people, based on an ethic centered on mercy and care.

Keywords: Individualism; Christian ethics; Pope Francis.

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos².

Introdução

Se olharmos a História da Teologia Moral, vamos perceber que o indivíduo está sempre no centro das formulações existentes. Mesmo a moral refletida após o Concílio Vaticano II tem uma grande vertente personalista. Muitas vezes ela se resume a falar do ser humano que deve obedecer a uma lei formulada por Deus ou pela Igreja e dos pecados decorrentes da não obediência. O nominalismo, do século XIV, com sua preferência pelo singular concreto fez história. Para o nominalismo, “o ato livre é a emanção de um ser singular no instante singular [...], e o bem, que é o objeto do ato livre não é intrínseco ao ser, mas é também resultado de um ato livre arbitrário”³. Aqui está o cerne da importância do Direito na moral: Direito positivo e Direito Natural. Diz Häring que o diálogo de amor com Deus deixa a moral e se refugia nos escritos dos grandes místicos.

Posteriormente, a mentalidade individualista da Renascença e da Reforma acentua a parte destinada ao exame de consciência e

2. FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium - Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 2013, n. 49. De agora em diante citado com a sigla EG.
3. B. HÄRING, *A Lei de Cristo*, 1964, p. 55.

a Teologia Moral foi reformulada em função da fixação das normas para o Sacramento da penitência pelo Concílio de Trento. Assim nos informa Häring:

Sobrecarregada de noções jurídicas e de sutilidades casuísticas, esta 'Theologia practica' esquece muito depressa sua finalidade modesta (a de auxiliar os confessores) e se intitula Teologia Moral, simplesmente. Pressente-se que, orientada dessa maneira, ela não se desenvolverá como teologia moral da caridade⁴.

A consideração da consciência pessoal livre ganha força no Concílio Vaticano II, mas agora com a ressalva de que esta conhece a Lei que foi inscrita por Deus em cada coração, lei que se resume no amor a Deus e ao próximo. A lei não é mais algo externo ao ser humano, mas está presente no seu mais íntimo. Agora temos uma moral personalista, mas um personalismo que não se distancia do relacional.

Cinquenta anos depois do Concílio, a Teologia Moral está desafiada por uma série de situações que permeiam a contemporaneidade e que nos são familiares. Elas, de modo geral, têm sido refletidas pelos estudiosos e as teorias produzidas recheiam muitos livros e artigos.

O grande problema é que a grande maioria das pessoas não tem acesso a estes estudos. Vivemos o momento da "razão débil", da dispersão e da fragmentação do conhecimento e, por isso, questões cruciais para a vida da humanidade, que deveriam ser debatidas, pensadas e repensadas, não são, às vezes, nem mesmo consideradas. Na era da pós-verdade, como alguns afirmam, quando os "boatos" e as situações "maquiadas" ganham peso, palavras como utilitarismo, sectarismo, relativismo, consumismo, individualismo, não têm a ressonância necessária, nem a consideração devida, na reflexão que precisa ser feita. Estes "ismos" passaram a fazer parte da vida e aparecem como naturais e devidos.

Assim, como podemos falar em superação de algo que consideramos natural e justo? Eis o grande desafio.

4. *Idem*, p. 65. (Grifo nosso).

1. O individualismo

Como vimos, o individualismo esteve e ainda está muito presente no modo como muitos ainda vivem e ensinam a Teologia Moral. A proposta da passagem de uma ética individualista para uma ética relacional é muito recente, embora encontremos seus fundamentos na Sagrada Escritura, e esta passagem ainda não produziu os frutos desejados.

A modernidade, com seus desdobramentos, traz como um de seus fundamentos a autonomia dos sujeitos pensantes. A concepção de indivíduo moderno é a de um ser uno, livre, autônomo e responsável pelos seus atos. Isto é positivo, pois liberta o sujeito de um coletivismo que lhe rouba a liberdade de ser ele mesmo, de ter identidade própria. No entanto, este conceito positivo de autonomia possibilitou o que hoje conhecemos por individualismo ou por autorreferencialidade, situação do sujeito que só se move em torno de si mesmo, que desenvolveu um ego narcísico, que não enxerga e não considera nada que não esteja referenciado a ele mesmo ou que seja seu reflexo.

Este pernicioso individualismo gerou e gera muitos problemas. Trouxe à cena a competição excludente, a arrogância dos sujeitos autoritários e donos da verdade, a violência contra quem não pensa ou se comporta de acordo consigo mesmo, o egoísmo que não respeita o outro, que não prevê a partilha, a igualdade de oportunidades e o crescimento alheio.

Este individualismo nunca está sozinho. Ele, geralmente, vem acompanhado de ideologias que o fortalecem e o tornam mais cruel: o utilitarismo, o consumismo, a intolerância, o desprezo pelo diferente, entre outras.

A ética cristã precisa enfrentá-lo com coragem. Mas, para isso, precisamos buscar fundamentos sólidos, que sustentem nossos argumentos e nossas vidas.

2. A ética cristã

A Sagrada Escritura é o alicerce principal da ética cristã. É nela que Deus se revela de modo privilegiado e é nela também que Ele nos aponta os caminhos que devemos percorrer na busca de

nossa humanização. Assim, a Palavra de Deus deve ser o nutriente fortalecedor do teólogo da moral. Nunca é demais lembrar o que nos ensina o Vaticano II:

Com particular diligência formem-se os estudantes no estudo da Sagrada Escritura, que deve ser como que a alma de toda a teologia [...] Consagre-se cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral, cuja exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fieis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade para a vida do mundo⁵.

Assim, a Teologia Moral precisa buscar as perspectivas relevantes da História da Salvação para construir uma ética que seja verdadeiramente cristã. Inicialmente a Escritura nos apresenta o Deus Salvador/Criador, que com sua Palavra nos cria e nos chama à convivência comunitária. Criados livres, à imagem de Deus, somos convidados a cuidar de nós mesmos e das outras criaturas (Gn 1—2). Somos únicos, sujeitos da história, mas convidados à relação que só experimenta o limite da dignidade de todo(a)s e de cada um(a). Percorrendo a história de Israel, conhecemos a eleição e a promessa, a libertação e a aliança. Conhecemos também a ambiguidade que pertence à nossa condição criatural que navega entre o desejo de responder afirmativamente a Deus e de cuidar dos irmãos e o desejo pecaminoso de se esconder de Deus e de matar o irmão. Quando, pelo individualismo exacerbado desistimos da guarda do irmão, entramos em um terreno perigoso de violências e de desmandos mortais. A história de Caim e Abel é paradigmática para tudo que vem depois (Gn 4).

Os reis de Israel, por exemplo, receberam de Deus a oportunidade de serem um sinal de que Deus nos elege para servir e para respeitar a aliança estabelecida, mas falharam. O mau uso da autoridade, o individualismo que exacerba o poder pessoal em detrimento da justiça para com os mais frágeis, falou mais alto e a desunião e a decadência de Israel se fez sentir.

5. CONCÍLIO VATICANO II, “Decreto *Optatam totius*”, in *COMPÊNDIO do Vaticano II - Constituições, decretos, declarações*, 1969, n. 16.

Os profetas, ao se abrirem a uma profunda experiência de Deus, assumem as alegrias e as angústias do povo. Anunciam o amor misericordioso de Deus para com todos e desmascaram todas as formas de religião que não produzem frutos de amor, de justiça e de inclusão cuidadosa. Eles agem assim porque não buscam o próprio prestígio e não olham preferencialmente para si mesmos, mas para Deus e para os irmãos, sobretudo, para os mais necessitados. Haering nos ajuda a refletir:

Os profetas são homens e mulheres que não pertencem à família sacerdotal de Aarão nem à tribo de Levi. O profetismo não pode ser institucionalizado, como está provado pelos falsos profetas, que quiseram agradar aos reis e aos poderosos, e que tentaram institucionalizar sua proveitosa posição. Mas, alguns dos profetas são também sacerdotes, simbolizando assim a verdadeira missão do sacerdote, tal como Deus quis que ele de fato fosse⁶.

A decadência da classe sacerdotal se deve àqueles que, ao se considerarem uma casta privilegiada, colocam em primeiro lugar seu prestígio, sua vontade autoritária e suas próprias realizações. Enquanto isso, os profetas convocam Israel para sair do egoísmo e da falsa compreensão de eleição e, assim, se apresentarem como sinal para as outras nações. O cerne da mensagem profética está na imagem do Servo de *Iahweh* (cf. Is 40 ss).

Jesus de Nazaré, o Messias, concretiza a profecia de Isaías e se inscreve na linhagem dos profetas de Israel. Ele é “O” profeta, aquele que, ungido pelo Espírito, nos revela quem é Deus e quem somos nós, anuncia a Boa-nova do Reino e denuncia tudo que é contrário a este projeto.

Seria bom pensarmos, a partir do desafio que nos colocamos neste artigo, no que consiste a ética de Jesus. Para isso, vamos retomar algumas reflexões feitas por José Maria Castillo no seu livro “A ética de Cristo”⁷.

6. B. HAERING, *Livres e fieis em Cristo - Teologia moral para sacerdotes e leigos*, 1984, p. 20.

7. Cf. CASTILLO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

A ética de Jesus é uma ética desconcertante, pois propõe uma mudança no modo de ser e de agir. Não tem nenhuma relação com uma ética individualista e, por isso, nos coloca diante de uma outra referência.

A ética de Jesus é uma ética da vida, do prazer e do desfrute da vida. Jesus não foi um asceta do deserto. Nem foi um penitente que castigava seu corpo como o fazia o Batista. Jesus acreditava na vida. E queria (e quer) que *todos vivamos e gozemos da vida*. O que acontece é que todo mundo quer desfrutar, porém desfrutar ele próprio, ele, acima de tudo. E a muitos, pouco importa que os demais passem bem ou mal. A ética de Jesus é a do prazer de viver para todos, do prazer compartilhado por todos, sem excluir ninguém. E isso é o que mais custa assumir e aceitar como projeto de vida, porque a ascética mais dura não é a da renúncia, mas sim a da doação. Nós cristãos vivemos durante vinte séculos a ascética da renúncia. Está amanhecendo o dia luminoso da doação⁸.

Este dia luminoso tem sido resgatado e anunciado com muita coragem e entusiasmo pelo Papa Francisco. Ele tem nos lembrado, em diversas ocasiões, que Jesus se revela como um Deus que não faz uso do seu poder para ter prestígio, nem para fazer com que as leis sejam cumpridas. Não é arrogante e autoritário. Não impõe sua verdade. O projeto do Reino é comunitário e não sustenta individualismos arrogantes. Jesus é o Deus que se fez humano para que sejamos divinos. Seu pensar e agir sempre estiveram voltados para os outros. Nunca reivindicou nada para si mesmo. Paulo nos fala deste modo de ser de Deus, em Jesus, na carta aos Filipenses: “Ele, existindo em forma divina, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, assumindo a forma de escravo e tornando-se igual ao ser humano. Aparecendo como qualquer homem, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz!” (Fl 2,5). Jesus se encarnou não em proveito próprio, para mostrar o po-

8. *Idem*, p. 20. (Grifo nosso).

der supremo de Deus, mas, no dizer de Santo Atanásio e Santo Tomás, para nos salvar de nossa pequenez e proporcionar a nós a realização de nossa vocação primeira, a de sermos como Deus é. O *Catecismo da Igreja* nos diz isso: “O Filho Unigênito de Deus, querendo-nos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza, para que, aquele que se fez homem, dos homens fizesse deuses”⁹.

É este Deus quenótico, que se fez pequeno e pobre, que ganha autoridade junto às pessoas de seu tempo. Em Jesus há o reconhecimento de uma autoridade que é diferente de poder, pois o poder se refere à capacidade de obrigar e submeter às pessoas e à autoridade, é a capacidade de convencer e persuadir. Jesus não ensinava com potestade, mas, sim, com autoridade. E aí está o desconcerto. As autoridades de seu tempo, tanto religiosas como civis, queriam ter este poder mandatário e, por isso, não convenceram nem as pessoas e nem a Deus.

A ética de Jesus é uma ética de acolhimento. Ele acolheu a todos, sobretudo os que mais precisavam: os pobres, as mulheres, as viúvas, os órfãos, os pecadores, mas é muito duro com aqueles que em nome de Deus queriam ter um poder que massacrava os pequenos, que matava os que lhes contestavam. A estes Ele chama à conversão. Faz severas críticas aos escribas e fariseus, que na busca individualista de prestígio e poder, não contribuía para que o Reino de Deus se estabelecesse. Recordemos o que diz Jesus no Evangelho de Mateus:

Os escribas e fariseus sentaram-se no lugar de Moisés para ensinar. Portanto, tudo o que eles vos disserem, fazei e observai, mas não imiteis suas ações! Pois eles falam, mas não fazem. Amarram fardos pesados e insuportáveis e os põem nos ombros dos outros, mas eles mesmos não querem movê-los nem sequer com um dedo. Fazem suas ações só para serem vistos pelos outros, usam faixas bem largas com trechos da Lei e põem no manto franjas bem longas. Gostam do lugar de honra nos banquetes e dos primeiros assentos nas sinagogas, de serem cumprimentados nas praças públicas e de serem chamados de

9. CAT n. 460.

‘rabi’. Quanto a vós, não vos façais chamar de ‘rabi’, pois um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos. Não chameis a ninguém na terra de ‘pai’, pois um só é vosso Pai, aquele que está nos céus. Não deixeis que vos chamem de ‘guia’, pois um só é vosso Guia, o Cristo. Pelo contrário, o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve. Quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado (Mt 23, 1-12).

Estas palavras nunca deveriam ser esquecidas ou maquiadas para atender interesses individualistas.

A ética de Jesus é uma ética das bem-aventuranças. As bem-aventuranças são propostas inseridas em um projeto de vida. Não são leis para serem cumpridas, mas são metas a serem alcançadas. O caminho que Jesus propõe para alcançarmos a felicidade mostra-se estranho e surpreendente, pelo menos à primeira vista. É que as bem-aventuranças indicam que as pessoas felizes são aquelas que não reúnem as condições que as pessoas no senso comum consideram indispensáveis para a felicidade. Jesus, aqui, não fala da felicidade no singular, mas no plural. O que precisamos aprender é que a felicidade que Jesus anuncia e promete não é assunto privado, mas compartilhado. Jesus compreendeu desde o primeiro momento que a felicidade não é uma questão meramente individual, mas essencialmente social¹⁰.

A ética de Jesus é uma ética da compaixão e do cuidado. Quando pensamos no comportamento ético, precisamos entender que é mais importante a sensibilidade do que as convicções. A ética não pode ser construída somente a partir da especulação pessoal abstrata ou da lógica do discurso racional, que pretende demonstrar com argumentos o que se deve ou não fazer. De acordo com as reflexões de Lévinas, “a ética é uma nova sensibilidade para com os outros”¹¹. Portanto, deve ser uma ética do “coração”, uma ética que toca-nos nas “entranhas”. Jesus sempre reagiu visceralmente diante daquele povo pobre, infeliz e sofredor. Em Jesus não havia lugar para a indiferença plantada pelo individualismo.

10. Cf. J. M. CASTILLO, *A ética de Cristo*, 2010, p. 129-134.

11. Emmanuel LEVINAS, *De outro modo que ser ou para lá da essência*, 2011, p. 31.

A ética de Jesus é uma ética do amor. As religiões normalmente pregam a ética do dever, mas Jesus prega a ética do amor, um amor que nos faz vulneráveis e passíveis de sofrimento, mas alegres na busca da felicidade do outro e não na nossa própria. Aqui está a novidade, mas também a dificuldade da ética aplicada do cristianismo.

Para Jesus, a verdadeira pureza é amar com real transparência de sentimentos e emoções, e isto é a coisa mais difícil da vida, porque estamos marcados pelo egoísmo individualista que nos convida a amar o outro como objeto que desejamos possuir. Por isso, não compreendemos a frase: “Ama e faze o que quiseses”¹². Se o amor é real, tal qual nos foi ensinado por Jesus, nunca poderá nos levar ao mal. Ele não permite nem a violência e nem a indiferença.

A ética de Jesus é subversiva. Ele insiste em dizer que os últimos serão os primeiros e que os primeiros serão últimos (cf. Mc 9, 35; 10, 31; Mt 19, 30; 20, 16; Lc 13, 30.). Ele inverte a lógica de uma sociedade que se constitui hierarquicamente na garantia de poderes e privilégios para poucos. Assim, podemos perceber que a ética de Jesus não é somente uma ética da interioridade, do bom comportamento, mas uma ética da solidariedade, em que o bem do outro tem precedência sobre os desejos pessoais, ainda que bons.

3. O papa Francisco e a ética cristã

Eis que no mundo em que vivemos, quando o cristianismo, em muitas situações, não mais se identifica com o Evangelho por ter-se acomodado ao modo de viver e sentir de uma sociedade individualista e autocentrada, marcada por nacionalismos e polarizações excludentes, o Espírito nos traz o Papa Francisco.

Seus ensinamentos, marcados por palavras e por um modo de viver que seduzem por atenderem ao projeto do Reino apresentado por Jesus de Nazaré, devem ser insistentemente revisitados.

Em visita à Academia Alfonsiana, em Roma, o papa trouxe apontamentos preciosos para a Teologia Moral. Escutemos aqui algumas de suas palavras iniciais:

12. AGOSTINHO DE HIPONA, *Comentário da primeira epístola de São João*, VII, 8.

O setor teológico específico, próprio da Academia Alfonsiana, é o saber moral, ao qual compete a difícil, mas indispensável **tarefa de fazer encontrar e acolher Cristo na vida quotidiana concreta, como Aquele que, libertando-nos do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento**, faz nascer e renascer em nós a alegria (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 1)¹³.

O verdadeiro encontro com Jesus nos livra do isolamento, do autocentramento, do narcisismo individualista. Lança-nos em direção aos outros e, por isso, nos traz a alegria dos encontros que nos referenciam e nos gratificam. Atualmente nos deparamos com muitos cristãos tristes, isolados, deprimidos, sem entusiasmo. Na *Evangelii gaudium*, Francisco nos diz assim: “Quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem [...]. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”¹⁴.

Depois, mais à frente, diz ainda: “A celebração do aniversário de uma instituição como a vossa não pode limitar-se à recordação daquilo que foi feito, mas deve impelir, sobretudo, a **olhar em frente, a reencontrar entusiasmo na missão**, a projetar passos corajosos para responder melhor às expectativas do povo de Deus”¹⁵.

Para olharmos em frente e darmos passos corajosos é preciso uma atenção especial, uma escuta amorosa às necessidades das pessoas, às perguntas que elas hoje fazem, às alegrias e às dores presentes na vida de cada um. Sem este encontro com

13. FRANCISCO, *Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana - Instituto Superior de Teologia (online)*, 9 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 25 de julho de 2019. (Grifo nosso).

14. EG 9.

15. FRANCISCO, *Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana - Instituto Superior de Teologia (online)*, 9 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 25 de julho de 2019. (Grifo nosso).

o chão da história, seremos sempre teólogos de gabinete, repletos de idealismos e abstrações, que nunca tocarão o coração das pessoas que nos escutam. Precisamos entrar, sem invadir, na vida diária dos outros, encurtar as distâncias, saber abaixar-nos “tocando a carne sofredora do Cristo no povo”¹⁶. Só assim sairemos do individualismo que nos oprime para vivermos a solidariedade que nos transforma. Desta forma, poderemos atender ao seu pedido: “É necessário abrir-se àquela renovação sábia e corajosa que é requerida pela transformação missionária de uma Igreja ‘em saída’”¹⁷. Precisamos aprender, segundo Francisco, a discernir juntos os sinais da presença do Espírito, que gera libertação e novas possibilidades. Assim, conseguiremos ajudar as pessoas a caminhar com alegria no caminho do bem.

Francisco retoma Santo Afonso para dizer que ele compreendeu, já naquele tempo, que o mundo não era algo para se condenar ou do qual tínhamos que nos defender, nos distanciar, fechando-nos em um espiritualismo individualista do eu e Deus. O mundo precisa de cura e de libertação, e só podemos fazer isso, se imitarmos o agir de Cristo que se encarnou e compartilhou as necessidades dos outros, fazendo-as experimentar o amor misericordioso que brota do coração de Deus. Segundo ele “Aqueles que são sensibilizados por este amor, sentem a urgência de responder amando”¹⁸.

Ainda falando aos teólogos moralistas, diz diretamente do desafio de vencermos a ética individualista, tão reverenciada no nosso tempo:

Nestes últimos anos, a teologia moral comprometeu-se em acolher a vigorosa admoestação do Concílio Vaticano II, a ‘**superar a ética individualista**’ e a promover a consciência de que ‘quanto mais o mundo se unifica, tanto mais as obri-

16. Cf. EG n. 24.

17. FRANCISCO, *Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana - Instituto Superior de Teologia (online)*, 9 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 25 de julho de 2019. (Grifo nosso).

18. *Ibidem*.

gações dos homens transcendem os grupos particulares e se estendem progressivamente a todo o mundo' (Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 30). Os passos dados devem levar-nos **a enfrentar com maior prontidão os novos e graves desafios** que derivam da rapidez com que se desenvolve a nossa sociedade. Limito-me a recordar aqueles devidos ao crescente predomínio da lógica 'da competitividade e da lei do mais forte', que 'considera o ser humano em si mesmo como um bem de consumo que se pode usar e depois deitar fora', dando 'início à cultura do 'descarte' (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 53)¹⁹.

O individualismo contemporâneo nos desafia, sobretudo, porque, com seus tentáculos devastadores, nos conduz para a lógica da competitividade, onde o outro precisa sempre ser deixado para trás. Estamos todos em busca do primeiro lugar, do pódio que traz a visibilidade desejada, ainda que momentânea. Neste contexto, tudo é provisório e o primeiro lugar pode nos escapar. Assim, precisamos lutar segundo a "lei do mais forte" que exclui aqueles que nos ameaçam, manda para longe os possíveis concorrentes ou não deixa que eles entrem em lugares que ilusoriamente pensamos nossos e seguros.

Somos conduzidos também pela "cultura do descarte" que, sem piedade, paradoxalmente cuida das coisas e descarta as pessoas. Para que se tenha coisas, abre-se mão das pessoas. É melhor que se tenha poucos ou nenhum filho, amigos só os que podem nos trazer vantagens, os pais idosos devem ser deixados nos abrigos e é normal que não nos ocupemos com os pobres, os doentes e os mais necessitados, pois estes atrapancam o progresso e as vidas exitosas das pessoas de bem. Francisco fala da "globalização da indiferença" e diz que "quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe"²⁰.

19. *Ibidem*.

20. EG n. 54.

Francisco, recordando os Estatutos do Instituto Superior de Teologia – Academia Alfonsiana, faz uma exortação tão necessária para este tempo de individualismos:

Pôr em prática um **‘diálogo sem reservas**: não como mera atitude tática, mas como exigência intrínseca para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e as suas implicações práticas’. E a atenção à ‘interdisciplinaridade e à transdisciplinaridade, exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação’, será acompanhada pelo reconhecimento da **‘necessidade urgente de criar rede’**, não somente entre as instituições eclesiais do mundo inteiro, mas inclusive ‘com as instituições acadêmicas dos diferentes países e com as que se inspiram nas várias tradições culturais e religiosas’, fazendo seus os ‘problemas de alcance epocal que hoje investem a humanidade, chegando a propor pistas oportunas e realistas de resolução’ (cf. n. 4)²¹.

Considerações finais

Assim sendo, podemos considerar que projetos que levem em conta o exercício do diálogo sincero, o desejo de experimentar concretamente a inter e a transdisciplinaridade, a decisão de tomar como tarefa a necessidade de se criar redes de reflexão e troca de conhecimentos, podem ser exitosos e conduzir a Teologia Moral para mais perto da Boa-notícia de Jesus. Deste modo, poderemos livrá-la dos legalismos jurisdicistas e moralismos desnecessários e até funestos, que, distantes da Teologia da Graça, machucam e desanimam as pessoas que buscam uma possibilidade de viverem no seguimento de Jesus, apesar de suas fragilidades e medos.

O medo é sempre um mau conselheiro. Inúmeras vezes, Jesus adverte aos seus ouvintes: “Não tenhais medo” (Mt 14, 22-33).

21. FRANCISCO, *Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana - Instituto Superior de Teologia* (online), 9 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 25 de julho de 2019. (Grifo nosso).

O medo de perder prestígio, poder, bens e segurança nos afasta do caminho do amor partilhado, da ética da misericórdia e da solidariedade, única exigência para que sejamos reconhecidos como discípulos de Jesus, única maneira de mantemos a autoridade que nos é dada por Deus, aquela que seduz, contagia, anima, cura e salva as pessoas.

Precisamos, com coragem e determinação, enfrentarmos os desafios que nos são apresentados por uma ética individualista, para que possamos, à luz da Sagrada Escritura e dos ensinamentos do magistério do Papa Francisco, colaborar com a ascensão de um novo momento para a Teologia Moral, no qual o amor de Deus e dos outros esteja acima dos nossos projetos pessoais.

Esta tarefa se faz urgente se não quisermos ver o “edifício moral da Igreja se tornar um castelo de cartas”, que cairá ao menor sopro dos tempos atuais.

Referências

- AGOSTINHO DE HIPONA. *Comentário da primeira epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- CASTILLO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CONCÍLIO VATICANO II. “Decreto *Optatam totius*”. In *COMPÊNDIO do Vaticano II - Constituições, decretos, declarações*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
- FRANCISCO. *Discurso aos professores e aos estudantes da academia Alfonsiana - Instituto Superior de Teologia (online)*, 9 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_academia-alfonsiana.html>. Acesso em: 25 de julho de 2019.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium - Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.
- HAERING, B. *Livres e fieis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1984. (v. I).
- HÄRING, B. *A Lei de Cristo*. São Paulo: Herder, 1964. (v. 1).
- LEVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.